

Exemplar de prop. 1-000

## GEOGRAFIA E IDEOLOGIA \*

Armando Corrêa da Silva \*\*

Não são muitos os geógrafos que se dedicam a leituras fora do âmbito geográfico. A necessária especialização num campo que tem hoje grande amplitude torna isso difícil. Mas o contrário também é verdadeiro. Por isso, este trabalho de Nelson Werneck Sodré aparece como uma exceção à regra. Dado às características desse autor, que possui uma obra extensa e variada, julgou-se de proveito, aqui, informar também o leitor a respeito dele nesta nota crítica.

“Nasceu no Rio de Janeiro, em 1911. Fez o curso do Colégio Militar e da Escola Militar. Serviu o Exército de 1931 a 1962, quando se transferiu para a reserva, como general. Foi professor-chefe do Curso de História Militar, na Escola de Comando e Estado Maior, e chefe do Departamento de História do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), desde sua fundação até sua extinção.”

Esta pequena nota biográfica consta da 4ª edição de *Formação Histórica do Brasil*, um livro original de 1962 e que, quando surgiu, causou grande polêmica nos meios universitários e intelectuais, pois nele o autor defende a idéia da existência de um modo de produção feudal em Portugal à época dos descobrimentos marítimos dos séculos XV e XVI.

A influência sobre o Brasil é a de que o regime colonial instala-se sob uma legislação com “evidentes marcas feudais” (p. 81) embora surja logo em seguida a solução escravista. Mas, argumenta o autor, trata-se de um escravismo que surge no momento em que o capital comercial encontra-se em ascensão. Daí o resultado: grande propriedade, modo escravista de produção e regime colonial.

---

\* Comentário sobre o livro *Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia*, de Nelson Werneck Sodré, assim como breve nota sobre o autor e sua obra.

\*\* Professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

O tema do feudalismo é retomado posteriormente, quando o autor trata do fim da escravatura. Argumenta com a disponibilidade de terras e a idéia de regressão do modo de produção. Em suas palavras: "Trata-se de um quadro feudal inequívoco. Quando o fenômeno se generaliza, os seus reflexos no mercado de mão-de-obra tornam-se evidentes: o modo de produção escravista está irremissivelmente condenado. Tornou-se um anacronismo. O interessante, entretanto, é que ele não se torna um anacronismo ao mesmo tempo em toda a extensão brasileira. Vai apresentando o seu caráter anacrônico quer nas áreas em que o trabalho escravo evolui para o trabalho livre, quer nas áreas em que o trabalho escravo não encontra condições para evoluir para o trabalho livre e evolui para a servidão" (p. 248).

A citação mostra a maneira controversa e não convencional do autor tratar os problemas.

Sua produção intelectual iniciou-se, segundo as indicações constantes desse livro, em 1938, com a publicação de *História da Literatura Brasileira: Seus Fundamentos Econômicos*. Em 1939 aparece o *Panorama do Segundo Império. Oeste — Ensaio sobre a Grande Propriedade Pastoril* é de 1941. Em 1942 publica *Orientações do Pensamento Brasileiro*. Em 1943 sua atenção volta-se novamente para a literatura com *Síntese do Desenvolvimento Literário no Brasil. Formação da Sociedade Brasileira* é de 1944. Em 1945 surge uma de suas obras consideradas importantes porque indicava para um grande número de leitores uma possibilidade de estudo sistemático sobre a realidade brasileira: *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Há nele um item sobre a Geografia que é assunto sempre presente em seus trabalhos. Alternando obras de síntese com monografias, publica em 1947 *História do Vice-Reinado do Rio de Prata*. Seguem-se, na mesma linha, *A Campanha Rio-Grandense*, de 1950, e *O Tratado de Methuen*, de 1957. Essas três monografias parecem ser um momento de pausa na diretriz de seu trabalho intelectual. É do mesmo ano o trabalho seguinte: *As Classes Sociais no Brasil*. Segue-se, em 1958, a *Introdução à Revolução Brasileira*. Da passagem pelo ISEB, além dessas três últimas obras citadas, é também o *Raízes Históricas do Nacionalismo Brasileiro*, publicado em 1958. *Narrativas Militares* é de 1959. Ainda pelo ISEB surgem *A Ideologia do Colonialismo*, em 1961, e o *Formação Histórica do Brasil*, em 1962, como resultado de um curso ministrado naquela instituição desde 1956. Ainda em 1962 publica *Quem é o Povo no Brasil?* Em 1963 aparece *Quem Matou Kennedy?* Em 1964 publica *História da Burguesia Brasileira*. O ano de 1965 é fecundo, surgindo *História Militar do Brasil*, *O Naturalismo no Brasil*, *Ofício de Escritor* e *História Nova do Brasil* (colaboração). Em 1966 aparece *História da Imprensa no Brasil*.

Em *História Militar do Brasil* anunciava, além do último citado, uma *História da Propriedade no Brasil*, *Memórias de um Soldado*, que saiu em 1967, e este último trabalho, *Introdução à Geografia*, que surge depois de *Brasil: Radiografia de um Modelo*, de 1975.

Em toda a sua obra não há uma separação entre História e Geografia, no contexto dos trabalhos, embora os ângulos de análise sejam nítidos. Em *O que se deve ler para conhecer o Brasil* há, contudo, uma breve apreciação sobre a Geografia, que é reproduzida a seguir. Trata-se, como se pode entender, de uma orientação para leituras sobre o país e não de uma discussão sobre a própria Geografia.

“Os estudos geográficos, antigos como o homem, só assumiram, entre nós, caráter sistemático há uns poucos lustros. E uma das tarefas principais daqueles que hoje interpretam a paisagem física e a paisagem humana do Brasil está no arrolamento e na discriminação qualitativa do acervo imenso acumulado em mais de quatro séculos de viagens e de estudos. Os primeiros navegadores que aqui aportaram, os que reconheceram a costa ou apenas a policiaram, foram iniciadores de documentação que os desbravadores do interior continuaram, dando contas do que tinham visto e ouvido, misturando o que lhes viera pela observação direta com aquilo que lhes chegara pela repetição e lendas. O bandeirante, que percorreu o interior, não era dado à norma de reduzir por escrito as suas aventuras, e estas, transmitidas por via oral, deformaram-se na versão de cada um, tomando, por vezes, aspectos desmedidos, de grandes riquezas escondidas, de coisas monstruosas que a terra ocultava, de criaturas disformes que guardavam tesouros. Os jesuítas, habituados a escrever e obrigados pela rotina a contar aos superiores tudo o que se passava nas Missões, deixaram cabedal imenso, nesse sentido, cabedal que foi de aumento em aumento, quando viajantes oficiais começaram a devassar regiões distantes, desconhecidas ou pouco conhecidas. As questões de fronteiras, mais tarde, levadas aos limites dos conflitos armados, motivaram reconhecimentos e relatórios em que outras zonas apareciam.

“Dessa massa pouco mais do que informe de dados foi sempre difícil retirar o material de interesse geográfico, uma vez que a descrição da terra era habitualmente confundida com a História e até com o folclore, com as tradições locais, com as lendas, com as crenças e credences, com a descrição das festas e até com a apologética vulgar de feitos e de aventuras. Depois, quando se inauguraram no Brasil os cursos destinados a preparar homens para misteres diversos, cujo provimento era agora necessário, o material geográfico persistiu de mistura com outros, de que não havia como distinguir-se. E a grande empresa dos homens de saber, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reunia, no título, duas ciências diferentes, vistas em conjunto,

na fase em que era de todo impossível vê-las de outra maneira, ligadas pelo sentido descritivo e irmanadas ainda no teor literário, que dava aos homens o timbre aristocrático que a inteligência assumia numa sociedade como a do Império.

“O trabalho de Aires do Casal nos mostra claramente os traços indicados, mas é fácil avaliar as dificuldades com que lutou o padre para arrolar as informações que oferece. E as páginas da revista do referido Instituto continuaram, por longos anos a fio, a desfiar os relatórios de viagens e as informações geográficas de mistura com o material histórico a que se destinava. Pouco adiante surgiam as primeiras Sociedades de Geografia, buscando uma separação que já tardava, mas agremiando os mesmos homens e obedecendo aos mesmos critérios nos trabalhos oferecidos.

“Só em tempos muito próximos, e particularmente com o aparecimento das faculdades de Filosofia, os estudos geográficos começaram a assumir papel peculiar, específico, criando o seu próprio campo de trabalho e manejando o enorme material acumulado, para livrá-lo de toda impureza, que era muita. Os professores estrangeiros contratados, e em particular os franceses, deram ao ensino de Geografia, entre nós, os seus rumos definitivos e límpidos. Logo depois, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística iniciava os seus trabalhos, na verdade beneméritos, congregando elementos novos e antigos, sistematizando o material existente e abrindo perspectivas para um esforço continuado e sistemático, de que os Congressos de Geografia foram coroamentos significativos. Temos, assim, e só agora, um estudo de Geografia em termos apropriados, embora o ensino, particularmente de formação, se ressentia de deficiências naturais. A reforma, começando por cima, como não podia deixar de ser, alcançou alguns importantes resultados, uma vez que a interpretação geográfica do Brasil obedece, hoje, a critérios adequados.

“Os campos da Geografia ampliam-se, entretanto, e as suas relações com as ciências do homem, da natureza e da sociedade ficam cada vez mais claras, exigindo do geógrafo uma preparação profunda que lhe dê a idéia de conjunto que exime de erros peculiares a uma especialização acentuada, tão perigosa quanto o extremo oposto, do passado, da nenhuma especialização e da confusão absoluta com outros domínios. Nem está a Geografia, aqui e fora daqui, imune a deformações e a influências que lhe retiram a autoridade e a adequação, como aquela que corresponde ao aparecimento e generalização em determinadas camadas, menos aptas a negar-lhe autenticidade, da Geopolítica, desvio sintomático, desfiguração de uma ciência que mal dá os primeiros passos e que tanto pode realizar no nosso País.

“A seleção, na vastíssima bibliografia de interesse geográfico, de obras apropriadas a dar, ao mesmo tempo, uma noção do País e da obediência aos critérios peculiares à Geografia, torna-se sempre difícil. A bibliografia restrita, específica, é ainda reduzida, e o fato de assumir predominância natural o estudo regional sobre o de conjunto retira a muitos dos livros que já pode apresentar a utilidade para os que se iniciam” (p. 233-245).

Era essa a posição de Nelson Werneck Sodré em relação à Geografia, em 1945.

Nesta *Introdução à Geografia*, pode-se dizer que mantém as características polêmicas de crítico, a grande imaginação intelectual e uma preocupação constante com o rigor científico principalmente na linha do historiador.

De um lado, mantém o interesse pela relação entre o texto e o contexto, ou, dito de outra forma, com a relação consciência e realidade, presente em todo seu trabalho. No *Introdução*, volta a insistir nessa temática: “Não é de suas menores deficiências [da Geografia], em consequência, o divórcio estabelecido entre a análise dos fatos e a elaboração teórica” (p. 9). Daí decorre sua identificação, em teoria do conhecimento, com uma certa modalidade de objetividade que não considera muito importantes os aspectos intersubjetivos e intra-subjetivos com o mesmo sentido de clareza indicado. Por isso mesmo, *Introdução à Geografia* é um livro aparentemente fácil.

Por outro lado, sua preocupação com a realidade brasileira é também uma constante. Falando da Geografia no Brasil, diz a certa altura: “A fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, com os dois Conselhos, o de Geografia e o de Estatística, complementava o avanço do ensino de Geografia nas faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. O Conselho Nacional de Geografia chegou a congregar número apreciável de geógrafos brasileiros, alguns de incontestável valor, e contratou ainda mestres estrangeiros, entre os quais se destacou Leo Waibel. A Universidade de São Paulo trouxe também professores estrangeiros, entre os quais se destacou Pierre Monbeig. Esses mestres estrangeiros, com os brasileiros já então qualificados, deram à Geografia, no Brasil, particularmente sob a égide do Conselho Nacional de Geografia, grande impulso. Tal período foi, entretanto, de curta duração. Por força de condições gerais, ligadas à estrutura política do País, multiplicadas por direções ineptas, ocorreu a dispersão dos geógrafos agrupados naquele Conselho, enquanto a estrutura universitária, de outra parte, entrava em deterioração. A Geografia, no Brasil, na realidade, apresenta uns poucos valores individuais, na maior parte remanescentes ainda daquele período melhor.

No mais, resume-se às atividades didáticas, modeladas por programas obsoletos. Tudo muito distante daquela definição de geógrafo que, calçada em outra, de campo diverso, dizia assim: "Geógrafo é aquele que traduz, segundo o problema concreto apresentado pela utilização adequada de seus métodos e técnicas, os valores que a realidade apresenta, tornando a sociedade consciente do que dispõe" (p. 11).

O autor, por mau conhecimento ou desconhecimento do assunto — não é possível saber —, não faz referências aos problemas novos da Geografia surgidos nos últimos anos e relacionados principalmente à quantificação e, por essa via, ao estruturalismo; nem às preocupações recentes com uma historiografia do pensamento geográfico assim como as diversas abordagens, clássicas e modernas.

É estranha a omissão, porque é a abordagem estrutural o problema epistemológico mais complexo da atualidade. Em que medida existe (ou não) uma relação entre estruturalismo e neocolonialismo e, por aí, com o neocolonialismo? Ora, toda a obra do autor é uma crítica ao colonialismo, inclusive esta *Introdução*.

O livro está dividido em sete capítulos intitulados: *Formação da Geografia, O Determinismo Geográfico, A Geopolítica, O Homem e a Natureza, Problemas da Geografia, Geografia e História e As Falsidades Ideológicas*.

— Como os títulos indicam, Nelson Werneck Sodré discute em cada um deles o processo de constituição da Geografia como ciência, sempre com a preocupação de mostrar as vinculações das teses geográficas com a realidade, em sua modalidade de abordagem já referida.

Em que medida este livro é importante?

Apesar da insistência no aspecto político da luta anticolonial, o que parece impedi-lo de ver mais adiante — ou nessa categoria ele inclui o neocolonialismo? —, trata-se, até o presente, do melhor trabalho de autor brasileiro sobre o assunto.

Constitui, nesse sentido, leitura indispensável a quem se inicie no conhecimento da história do pensamento geográfico, de que o autor discute a problemática clássica através de um confronto de idéias sobre uma teoria.

Qual é essa problemática?

Todos os capítulos do livro constituem uma discussão a respeito da antiga polêmica "determinismo *versus* possibilismo", sob vários ângulos.

O importante aqui não é apoiar ou rejeitar a posição do autor. Segundo sua própria postura, é preciso compreender.

Por isso, parece próprio indicar que tanto num caso (determinismo) como no outro (possibilismo) o que se está tendo como objeto de estudo são ideologias. E, além disso, ideologias em oposição.

Dizer, por exemplo — e a consideração é do autor desta nota —, que, de um lado, é o modo de produção que organiza o território e, de outro, que é o meio geográfico (natural e humano) que determina o econômico, o social, o político e o cultural, é estabelecer uma discussão do mesmo tipo.

Essa oposição de ideologias contrárias não produz nenhuma explicação de caráter científico. Se a intenção é a de propor uma modalidade de discurso dialético, então o objetivo não parece ser alcançado.

Mais importante que a discussão ideológica, neste caso, é examinar os pressupostos em que se apóiam ambas as posturas.

Que pressupostos são esses?

O determinismo apóia-se na constatação da existência de relações homem-meio. O possibilismo, na existência da unicidade de áreas.

Ora, opor relações e áreas é dividir o campo da Geografia. Relações e áreas constituem ambas objeto do estudo geográfico.

Preocupações recentes com uma historiografia e história do pensamento geográfico vêm mostrando que nem Ratzel ignorou a *área*, nem Vidal de La Blache ignorou as *relações*.

A situação atual, em que a proposta de estudar a organização do espaço (espontânea ou planejada) vem sendo aceita por uma grande quantidade de geógrafos, a consideração de relações e áreas, dentro de uma mesma perspectiva unitária, propõe problemas novos que a antiga oposição determinismo-possibilismo não consegue resolver.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

SODRÉ, Nelson Werneck (1976) — *Introdução à Geografia. Geografia e Ideologia*, 1. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro, Editora Vozes Ltda., 135 p.

#### RESUMÉ

Dans cette note l'auteur fait un commentaire sur une oeuvre récente de Nelson Werneck Sodré à propos de la Géographie, avec son présentation au public spécialisé, en faisant une référence à son extense oeuvre. La position de Sodré est mise en evidence avec un commentaire sur ce travail qui l'on considère interessant à tous ceux que débutent dans la science géographique.

